



A cultura portuguesa está intimamente relacionada com este elemento tão simples e belo chamado azulejo. Viajar por Portugal é ser constantemente surpreendido por painéis de azulejos. Em pequenos apartamentos ou grandes obras de arquitetura, visível no exterior ou no interior, o azulejo está presente um pouco de norte a sul do país e espalhado pelos locais por onde os portugueses circularam e deixaram a sua cultura. Presente em estações de comboio, igrejas, conventos e mosteiros, casas e palácios, jardins e fontes, monumentos... por todos os lados, nos mais tradicionais ou menos prováveis sempre haverá um painel que, em tons de azul ou colorido contam fatos importantes da história do país ou revelam um pedaço da história do local a ser eternizada.

A partir dos finais do séc. XV, princípios do séc. XVI, é impossível desassociar a tradição e a cultura portuguesa do azulejo, quando a decoração ornamental muçulmana teve um papel importante na arte portuguesa e foi estimulado o desenvolvimento do azulejo. Os primeiros azulejos em Portugal foram importados de oficinas de Sevilha em 1498. O rei D. Manuel I, numa das suas viagens para Espanha, ficou encantado com o brilho dos azulejos e trouxe-os para decorar as paredes do seu palácio – o Palácio Nacional de Sintra. O padrão azul e branco, tão comum nos azulejos portugueses surgiu no séc. XVII. Essas cores foram herdadas por influência holandesa e da porcelana oriental. O azul, quando combinado com o amarelo era sinónimo de poder e riqueza, por isso e está presente em muitos palácios e igrejas do país.



Do Oriente chegou o sentido do brilho, exuberância e fantasia de motivos ornamentais, especialmente através dos tecidos e o uso das cores intensas. Da China, veio o azul da porcelana, que na segunda metade do século XVII deu ao azulejo composições já sem carácter repetitivo, cheias de dinamismo e de formas em movimento. Nos finais do séc. XVII, princípios do séc. XVIII, Portugal importou da Holanda grandes quantidades de azulejo, absorvendo a pureza e o refinamento dos materiais, assim como a ideia de especialização de pintores.

Hoje é uma marca de distinção da cultura portuguesa, continua viva e presente no dia a dia dos portugueses, reinventando-se em cada aplicação e a cada local onde a sua presença é solicitada.

